

Sistema Repressivo e Aparelhamento do Estado na Década de 1930: o Cerco Policial aos Trotskistas (São Paulo, 1928-1938)

Repressive System and State Rigging in the 1930s: the Police Siege of the Trotskyists (São Paulo, 1928-1938)

 Alzira Lobo de Arruda Campos¹

 Manoel Francisco Guaranha²

 Rafael Lopes de Sousa³

Resumo

Objetivo/contexto: A repressão aos trotskistas brasileiros copiava métodos aplicados na esfera internacional, marcada por expurgos e assassinatos violentos dos opositores de Joseph Stálin. Refletidos na historiografia, esses expurgos contaminaram as versões historiográficas, relegando ao esquecimento os prototrotskistas e diminuindo a sua atuação nas esquerdas nacionais. Um dos objetivos deste estudo é o de contribuir para que a inserção dos aderentes à Oposição de Esquerda Internacional, em sua corrente brasileira, lance maiores luzes sobre o tema, em aliança estreita com historiadores nacionais e internacionais, como Robert J. Alexander e Dainis Karepovs. **Originalidade:** Com base em documentos de primeira mão, esta análise privilegia a experiência dos atores, buscando perceber o que acontece no processo inacabado de uma narrativa e conduzindo uma reflexão em outros termos que não sejam os de uma totalização implícita constante das versões oficiais sobre o Partido Comunista Brasileiro. **Metodologia:** À metodologia tradicional, baseada em conceitos oriundos do materialismo histórico, juntam-se procedimentos indicados pela micro-história, considerando como fundamentais e levando a sério as migalhas de informações, essenciais para que possamos compreender como os detalhes individuais e os retalhos de experiências das vidas de alguns indivíduos permitem que se chegue a lógicas sociais e simbólicas do grupo de comunistas no Brasil ou mesmo a conjuntos muito maiores, relacionados à

¹ Livre-docente em Metodologia da História, pela Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Universidade Estadual Paulista (UNESP/FRANCA), Mestre e Doutora em História Social pela Faculdade de História da Universidade de São Paulo (USP). Docente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Santo Amaro. UNISA/SP. E-mail: loboarruda@hotmail.com.

² Mestre e Doutor (FFLCH/USP); Professor Titular do Mestrado em Ciências Humanas da UNISA. E-mail: m-guaranha@uol.com.br.

³ Mestre em História Social (UNESP/Assis), Doutor em História Social (UNICAMP). Docente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Santo Amaro. UNISA/SP. E-mail: canoheiros2008@gmail.com.

luta revolucionária travada pelo proletariado contra a burguesia, classicamente considerada como o motor da história. **Conclusões:** A repressão aos prototrotskyistas funcionou em dupla face, uma vez que estiveram em luta permanente contra o aparelho repressor do Estado e as medidas tomadas pela Comissão Central do PCB, em obediência às diretrizes ordenadas por Stálin. A dupla clandestinidade a que estavam sujeitos transformou os trotskistas em alvos fáceis e preferenciais da repressão, agravando a sua vida nas prisões e contribuindo de modo decisivo para o ocaso da Liga Comunista Internacionalista no Brasil.

Palavras-chave: Repressão política; Trotskistas no Brasil; Liga Comunista Internacionalista; Prisões e cotidiano revolucionário.

Abstract

Objective/Context: The repression of Brazilian trotskyists copied methods applied at the international level, marked by the purges and violent killings of Joseph Stalin's opponents. Reflected in historiography, these purges contaminated the historiographical versions, relegating the prototrotskyists to oblivion and diminishing their role in the national left. One of the objectives of this study is to contribute to the insertion of adherents of the International Left Opposition, in its Brazilian current, to shed more light on the theme, in close alliance with national and international historians, such as Robert J. Alexander and Dainis Karepovs. **Originality:** Based on first-hand documents, this analysis privileges the experience of the actors, seeking to understand what happens in the unfinished process of a narrative and conducting a reflection in terms other than the implicit totalization of official versions of the narrative Brazilian Communist Party. **Methodology:** To the traditional methodology, based on concepts derived from historical materialism, are added procedures indicated by microhistory, considering as fundamental and taking seriously the crumbs of information, essential for us to understand how the individual details and the scraps of experiences. The lives of some individuals allow us to reach social and symbolic logics of the group of communists in Brazil or even much larger groups, related to the revolutionary struggle waged by the proletariat against the bourgeoisie, classically considered as the engine of history. **Conclusions:** The repression of the prototrotskyists worked in two ways, as they were in permanent struggle against the state repressive apparatus and the measures taken by the Central PCB Commission, in accordance with the guidelines ordered by Stalin. The double clandestinity to which they were subjected made the trotskyists easy and preferable targets of repression, aggravating their life in prisons and contributing decisively to the fall of the Internationalist Communist League in Brazil.

Keywords: Political repression; trotskyists in Brazil; Communist Internationalist League; prisons and revolutionary daily life.

Introdução

Esta é mais uma história derivada da grande cisão ocorrida no Partido Comunista do Brasil, entre stalinistas, adeptos do *statu quo* revolucionário configurado

pela aceitação plena das ordens emanadas de Moscou, e dos opositoristas de esquerda que as recusavam nos capítulos referentes à obreirização do partido e à revolução num só país. Com poucos anos de existência, uma vez que a fundação da seção brasileira do Partido Comunista ocorreu em 1922, a sua Comissão Central expulsou os camaradas da Célula Quatro do Rio de Janeiro (1928), iniciando um movimento de expurgos em cadeia sobre aderentes de outras regiões e estados, que tomaram a atitude de dissentir da medida adotada, solidarizando-se com os companheiros eliminados das fileiras comunistas. Organizou-se, dessa forma, uma Oposição de Esquerda, intimamente ligada a sua congênera internacional, que se considerava como a responsável para reconduzir o partido às vias traçadas pela Revolução de Outubro, eliminando os descaminhos teóricos e práticos que assumira sob o mando de Stálin. A doutrina revolucionária marxista atraía setores expressivos da intelectualidade da década de 1930, mas após o abrandamento revolucionário de 1917-20, o marxismo adotado pela Internacional Comunista não se constituiu em um polo de atração forte para os intelectuais do Ocidente, que se sentiram mais atraídos por grupos marxistas dissidentes, notadamente pelo trotskismo. Porém, como os grupos de dissidentes eram numericamente muito pequenos comparativamente aos principais partidos comunistas, essa atração passou a ser considerada como desprezível do ponto de vista quantitativo, não figurando nas interpretações clássicas da história do comunismo, a não ser tangencialmente e em limites estritos. Hobsbawm, por exemplo, observa que os partidos comunistas no Ocidente consideravam-se de natureza proletária, “e a posição do intelectual ‘burguês’ nesses partidos era muitas vezes anômala e nem sempre tranquila”, em razão de sua origem de classe ⁴.

No Brasil, contrariamente ao que nota Hobsbawm, os intelectuais trotskistas provinham majoritariamente do proletariado. Eram pessoas que enfrentavam dificuldades econômicas constantes para a própria subsistência e para a edição de jornais, livros, artigos e panfletos, publicados em prol da divulgação dos pilares teóricos do marxismo-leninismo, abandonados pela política stalinista. Além das questões internas a dividir os comunistas, o fascismo golpeou severamente os movimentos revolucionários da classe operária no mundo todo, nas décadas de 1920 e 1930, quando foi assumido como doutrina por ditaduras de tipo moderno que se

⁴ HOBBSAWM, E. J. *Como mudar o mundo: Marx e o marxismo*. Tradução de Donaldson M. Garschagen. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 239.

instalaram na Itália, Alemanha, Japão, Espanha, Portugal e Brasil, entre outros países. Para o comunismo, o caso mais grave foi o da URSS que, em 1928, converteu a ditadura do proletariado em ditadura do Partido, centralizada na figura carismática de Stálin. Os terríveis processos de Moscou, os expurgos e os assassinatos (em um nível jamais atingido na história) dizimaram os dirigentes do partido de Lenin-Trotsky, eliminando toda a geração de Outubro ⁵.

Às dezenas de milhares de militantes da oposição de esquerda que desapareceram nas prisões e deportações dessa época, é preciso somar os prototrotskistas e os membros das demais correntes da esquerda brasileira, durante a ditadura de Vargas e nos anos imediatos que a antecederam. Com efeito, desde o início do século XX, o acirramento das greves no Brasil provocou um movimento burguês reativo que aparelhou o Estado, com a criação da Superintendência de Ordem Política e Social (1906), transformada, dois decênios depois, no DOPS (Departamento de Ordem Política e Social). Nesse cenário, os opositores de esquerda reunidos na Liga Comunista Internacionalista sofreram uma tenaz perseguição por parte dos comunistas e do Estado Brasileiro, que se aparelhou para reprimir movimentos e indivíduos considerados subversivos à manutenção da ordem burguesa. A repressão aos trotskistas copiava métodos aplicados na esfera internacional, marcada por expurgos e assassinatos violentos dos opositores de Joseph Stálin. No setor nacional, reproduzia-se o modelo da polícia política da URSS, a GPU (Administração Política do Estado), criada após a Revolução de 1917.

Sujeitos a um cerco simultâneo da polícia e de seus antigos camaradas, os trotskistas foram isolados num gueto físico e moral que os relegava à situação de intocáveis – párias da revolução –, como esclarecem reiteradamente diretrizes provindas da Terceira Internacional e da Comissão Central do Partido Comunista do Brasil (depois chamado de “Brasileiro”). Refletidos na historiografia, esses expurgos contaminaram as versões dadas aos relatos sobre o Partido Comunista, relegando ao esquecimento os prototrotskistas e diminuindo a sua atuação nas esquerdas nacionais. Um dos objetivos deste estudo é o de contribuir para que a inserção dos aderentes à Oposição de Esquerda Internacional, em sua corrente brasileira, lance maiores luzes sobre o tema, em aliança estreita com historiadores nacionais e internacionais, como Robert J. Alexander, José Castilho Marques Neto e Dainis

⁵ ROCHE, Gérard. Introdução: Breton, Trotsky e F.I.A.R.I. BRETON, André. *Por uma Arte Revolucionária Independente*. São Paulo: Paz e Terra: CEMAP, 1985, p. 14.

Karepovs. As vítimas desse processo foram encerradas em campos de concentração e em prisões destinadas a extingui-las física, moral e politicamente da sociedade brasileira e da memória sobre as lutas proletárias. Não obstante, é ainda possível ouvir as versões que deram aos acontecimentos, por meio de documentos produzidos por elas mesmas ou pela repressão. Esta, diligentemente, confiscou documentos produzidos pelos revolucionários, integrando-os a dossiês temáticos e individuais, que se encontram guardados, para o caso paulista, no Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo. São essas as imagens que se encontram aqui analisadas, da perspectiva da história oficial, prioritariamente stalinista, e da heterodoxia trotskista. O cenário geográfico concentra-se na cidade de São Paulo, que exerceu o papel principal para a formação das esquerdas nacionais, pelo fato de abrigar a maior população operária da época e de ter recebido a mais numerosa leva de imigrantes, os quais, como se sabe, exerceram uma liderança significativa na denúncia da exploração do trabalho pelo capital. Nesse campo efervescente de ideias e confrontos, o Partido Comunista do Brasil sofreu um forte impacto da luta que colocou em campos antagônicos Stálin e Trotsky, assinalando dissidências internas sobre os rumos que o comunismo tomara após a morte de Lenin. Esses rumos passaram a ser denunciados por Trotsky e seus seguidores como desvios da teoria marxista-leninista, levando à expulsão dos trotskistas, em 1930, e ao seu agrupamento na Liga Comunista Internacionalista.

As correntes que se digladiaram nos momentos históricos cruciais do estabelecimento de um regime sem classes refletiram-se na literatura produzida sobre o tema, por meio de tomadas de posição divergentes e, por vezes, antagônicas. O espelho multifacetado polarizou-se nas facções aguerridas e antitéticas das visões proletárias e das visões burguesas, acirrando os ânimos de uma esquerda radical, que se apresenta, na atualidade, em aparente recuo. Objetos e abordagens, pluralistas na aparência, encontram-se marcados por posições ideológico-partidárias de seus autores. Pelo direito à memória, os prototrotskistas passaram a ser estudados, desde as primeiras dissensões que apresentaram sobre os rumos da Revolução de Outubro, após a tomada do poder por Stálin e o estabelecimento de um culto de personalidade cujo paralelo na história só pode ser encontrado na figura dos grandes ditadores fascistas, seus contemporâneos. Assentado em uma propaganda dirigida pelo Kremlin, estabeleceu-se o culto da personalidade de Stálin e a ficção da “pátria dos trabalhadores”, como táticas

destinadas a disfarçar a realidade de um dos regimes mais cruéis da história humana. Como nota Remnick, são necessários muitos estudos para entender a história da União Soviética e seu colapso final, reescrevendo a ideologia e a história oficial que sustentavam o regime de Stálin e seu império ⁶.

O culto à personalidade na URSS reproduzia-se na imagem especular de Luís Carlos Prestes, que se tornou o líder inquestionável do Partido Comunista do Brasil, fato que recebeu críticas ácidas da Oposição de Esquerda. De modo aparentemente paradoxal, o mesmo culto ao “Czar Vermelho” foi projetado no Brasil: Getúlio Vargas erigiu-se à categoria de um herói do povo. Esses fatos eram denunciados pela imprensa trotskista, em um estilo polêmico e ideológico, usual durante as fraturas sentidas pelas correntes de esquerda no Brasil, na medida em que a ditadura do proletariado, preconizada por Marx como etapa necessária para o estabelecimento da sociedade sem classes, era substituída pela ditadura do partido, dominada inteiramente por Stálin, coadjuvado na seção brasileira do Partido Comunista (Bolchevique), por Prestes.

Esse desvio tático e teórico refletiu-se pesadamente no Brasil, com a formação de uma linha aderente a Trotsky, que se tornou a principal corrente de combate contra as diretrizes stalinistas. Os trotskistas preferiam denominar a experiência soviética de “revolução traída”, levando em conta o fato de terem permanecido fiéis ao apelo à unidade mundial da luta de classes do *Manifesto Comunista* de 1848 e ao caráter internacional do proletariado e da sua revolução. Apesar de o *Manifesto* conter as ideias de Marx e Engels, o seu texto final foi redigido por Marx, provavelmente, com rapidez, e sem se basear em esboços anteriores. Com um total de 23 páginas, esse documento transformou-se no texto político revolucionário mais importante, desde a francesa *Declaração dos direitos do homem e do cidadão*. Com uma perspectiva peremptoriamente internacional, o *Manifesto* logo se espalhou por outras partes do mundo, apesar do fracasso das revoluções de 1848. Um ano após, Marx se refugiou em Londres, iniciando um exílio que durou por toda a sua vida, e ali republicou a terceira parte de seu panfleto de 1848, que já se havia tornado raro. A presença destacada de Marx na Associação Internacional dos

⁶ REMNICK, David. *O túmulo de Lênin: os últimos dias do império soviético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 19.

Trabalhadores – a “Primeira Internacional” – renovou o interesse pelo *Manifesto* ⁷, que se incorporou de forma contundente à teoria revolucionária das décadas subsequentes, sublinhando uma posição clara dos trotskistas de que não se poderia abandonar o internacionalismo proletário, como estratégia política e como ideologia. Em consequência, a Oposição de Esquerda se colocou como autêntica e única defensora da estratégia de transformar a luta dos trabalhadores em um movimento mundial, como parte constitutiva da oposição a Stálin ⁸.

Ao definirem o grupo que fundaram como "liga" os trotskistas rejeitavam a ideia de se tratar de um novo partido, uma vez que consideravam dever existir apenas uma agremiação comunista dos proletários. Desse ponto de vista, os dissidentes consideravam-se os depositários fiéis do marxismo-leninismo, transfigurado por Stálin e seus seguidores em uma nova forma de exploração, autocentrada e destinada a exercer um poder absoluto e discricionário sobre o proletariado. Como uma de suas discordâncias prendia-se à presença do poder pessoal exercida pela figura carismática de Stálin, os prototrotskistas, embora arregimentados em torno de Trotsky, conhecido pelo codinome “Ogum” ⁹, proclamavam que o herói único da revolução era a classe proletária. No caminho para a Quarta Internacional, formavam eles um grupo pequeno, obrigado a exercer a sua "agit-prop" (agitação e propaganda) numa trincheira balizada pela polícia política e pelos antigos companheiros de jornada, que permaneceram nos quadros do PCB. Como "renegados", o partido passou a proibir qualquer contato com eles, transformando-os de antigos amigos em inimigos, que deveriam ser combatidos até mesmo através da colaboração oculta com a polícia política.

1. Metodologia

A presente abordagem utiliza-se de conceitos consagrados pelo método dialético marxista-leninista, acrescentados pela categoria dos "saberes sujeitos", entendidos como conteúdos históricos que foram sepultados, mascarados em

⁷ HOBBSAWM, E. J. *Como mudar o mundo: Marx e o marxismo*. Tradução de Donaldson M. Garschagen. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, pp. 99-100.

⁸ MARQUES NETO, José Castilho. *Solidão Revolucionária. Mário Pedrosa e as origens do trotskismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993, p. 32.

⁹ Codinome dado por Pedreira, que no breve espaço de tempo em que Prestes foi cooptado por Aristides Lobo, na Argentina, em 1930, passou para “Ogum de Constantinopla”, para distingui-lo da nova personagem magnetizadora, Prestes, chamado de “Ogum de Buenos Aires”.

coerências funcionais ou em sistematizações formais. Esses saberes são blocos de conhecimentos históricos que estavam presentes e disfarçados no interior dos conjuntos funcionais e sistemáticos, e que se encontravam desqualificados como saberes não conceituais, hierarquicamente inferiores, negligenciados ou desqualificados por autores mais preocupados com seus estatutos partidários do que com o seu ofício de historiadores ¹⁰. O modelo analítico aqui adotado, interdisciplinar e pluralista, estende os conceitos de “antinomia do real”, de uma “ciência dos grotões”, ao papel que os dissidentes comunistas desempenharam na revolução proletária, opondo-se a uma teoria que teve largo trânsito nos estudos sobre os comunistas no Brasil, da segunda metade do século XX, segundo a qual a opinião dos centros de pesquisa mais abalizados tendia a se espriar para as periferias, consideradas como uma espécie de “grotão” acadêmico. A imagem desse fenômeno reproduzia a ideia de que uma pedra atirada em um lago formaria círculos concêntricos cada vez mais alargados. A linguagem da luta política integrou, acentuadamente, a exploração das classes populares como fundamental para as relações sociais desenvolvidas no sistema capitalista. Ao mesmo tempo, a essa verdade incontestável juntou-se a tese equivocada de que o processo de resistência à exploração, por meio de organizações partidárias, foi uma tarefa cumprida, em especial, pelo Partido Comunista do Brasil, em sua linha stalinista. Desse entendimento resultou que não apenas a presença de anarquistas, socialistas revolucionários e, em especial, de trotskistas, foi minimizada ou eliminada por inteiro da história das lutas proletárias, como, por intermédio de um tipo de índice acadêmico, os dissidentes ou os não perfilhados à ortodoxia doutrinária imposta por Stálin tornaram-se invisíveis, ensombrecidos por grandes líderes ou perdidos na abstração conceitual de “classe”. Os exemplos podem ser multiplicados em bibliografia mais recente, vindo a comprovar como a pesquisa em fontes ou de campo pode ser crucial para que o Brasil se conheça melhor. A autonomia de novas correntes interpretativas acaba por ameaçar os pequenos mundos dominados por autores “acima de qualquer suspeita”, que relegaram as pessoas comuns ao esquecimento, repetindo a teoria ultrapassada de “grandes personagens da história”. No âmbito das organizações de massa e na dialética marxista-leninista, os prototrotskistas denunciaram a ideia de líderes: a vanguarda revolucionária era

¹⁰ FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999 (Coleção Tópicos), pp. 11-12.

formada pelos trabalhadores e não por lideranças individuais. A antropologia, embora tradicionalmente considerada como uma voz marginal quanto à teoria política ocidental, tornou-se um campo ideal para se repensarem as fronteiras entre centro e periferia, público e privado, legal e ilegal, desafiando a “teologia” política das visões estereotipadas tradicionais. Foucault já revelara como o controle exercido nas margens poderia ser generalizado para populações inteiras, uma vez que as experiências dos seus habitantes são centrais para o entendimento das relações sociais estabelecidas em tais ou quais circunstâncias, questionando “as nossas categorias de pensar e de organizar o nosso conhecimento”¹¹.

Na linha de Foucault, este artigo adota uma interpretação que põe em questão as sistematizações formais de autores consagrados, trazendo à tona as narrativas de indivíduos silenciados pelo poder do Partido Comunista e da Academia, procurando apresentar um painel amplo e multicolorido sobre o cotidiano e as relações de poder entre revolucionários stalinistas e trotskistas, nos tempos de Vargas. Com a aplicação de métodos preconizados pela micro-história, a escala de observação aqui presente focaliza ações humanas e significados que passam despercebidos nos grandes quadros analíticos, concentrando-se em militantes comuns e em suas vanguardas e buscando ouvir suas vozes nos caminhos de pedra que escolheram. Procura-se, desse modo, extrair de fatos aparentemente corriqueiros uma dimensão sociocultural relevante, com o apelo ao recurso da narrativa. Essa metodologia é de caráter nitidamente interdisciplinar, mas se localiza no terreno da história, “o que significa apoiar-se nas fontes, delimitando-se assim, claramente, da obra ficcional”¹².

À metodologia tradicional, baseada em conceitos oriundos do materialismo histórico, juntam-se procedimentos indicados pela micro-história, considerando como fundamentais e levando a sério as migalhas de informações para compreender como os detalhes individuais e os retalhos de experiências das vidas de alguns indivíduos permitem que se chegue a lógicas sociais e simbólicas do grupo de comunistas no Brasil ou mesmo a conjuntos muito maiores, relacionados à luta revolucionária travada pelo proletariado contra a burguesia, classicamente considerada como o motor da história.

¹¹ VELHO, Otávio. *Antinomias do real*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2018, pp. 35-43.

¹² FAUSTO, Bóris. *O crime do restaurante chinês. Carnaval, futebol e justiça na São Paulo dos anos 30*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 9.

Com essas posições teórico-metodológicas, investigamos circunstâncias de vida narradas em um vasto *corpus* documental, constituído por documentos conservados no Fundo Mário Pedrosa do Centro da Memória Operária (UNESP/SP) e nos arquivos policiais do DEOPS/SP. Os dados coletados referem-se à atuação dos trotskistas e da polícia política do Estado de São Paulo, especialmente em sua Capital e durante o governo Vargas, mas as fronteiras do tempo e do espaço não são rígidas – antes se sujeitam ao peso dos acontecimentos nacionais e internacionais, decorrentes da organização revolucionária dos trabalhadores e da repressão aos grupos que surgiam.

Nos limites restritos permitidos pelas fontes e pelo espaço reduzido de um artigo, procuram-se as versões dadas aos acontecimentos por trotskistas, recuperando, o mais possível, as suas percepções pessoais em rede com as coletivas dos grupos profissionais e políticos nos quais atuavam. Essas visões funcionam como um espelho da metáfora do fio – o presente que Ariadne deu a Teseu a fim de orientá-lo no labirinto – na versão utilizada por Ginzburg para explicar a unidade existente entre os assuntos, aparentemente heterogêneos, tratados em uma de suas obras, *O fio e os rastros*¹³.

O silêncio historiográfico sobre os dissidentes alia-se ao equívoco de considerá-los "fracos" ou traidores da revolução proletária para que a imagem não apenas deles como a do Partido Comunista Brasileiro e de seus aderentes apresente-se distorcida. Não se trata de uma característica nacional. Hobsbawm, por exemplo, declara de modo claro e inequívoco que suas pesquisas basearam-se pouco em fontes de primeira mão e que ele nem sempre conseguiu refletir sobre os acontecimentos de forma desapaixonada, tendo-se comportado mais como um camarada do Partido do que como historiador¹⁴. Essa declaração "metodológica" é crucial para que possamos entender como Hobsbawm nega a existência de "cismas e heresias" no bolchevismo, no período do Comintern, "exceto em alguns poucos e longínquos países de pequena importância mundial, como o Ceilão". Os comunistas, para Hobsbawm, eram os indivíduos que se davam, com total e apaixonada lealdade à causa revolucionária, que se identificava com o seu partido e que significava lealdade igual "à Internacional Comunista e à URSS (isto é, a Stálin)". Aqueles que

¹³ GINSZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 7.

¹⁴ HOBBSAWM, E. J. *Revolucionários*. 2. ed. Trad. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, pp. 11-12.

saíam do partido, por vontade própria ou expulsão, “ficavam esquecidos ou privados de toda ação efetiva, a menos que aderissem aos ‘reformistas’ ou se filiassem a algum grupo abertamente ‘burguês’, caso em que deixavam de interessar aos revolucionários”. E completa, assumindo a linguagem direta dos stalinistas, que os mais fortes “desses trãsfulgas marxistas” trabalharam pacientemente e em isolamento até que os tempos mudassem; os mais fracos sucumbiram à pressão e tornaram-se ardorosos anticomunistas e os demais “se refugiaram no sectarismo rígido”. O comunismo, nessa linha argumentativa, nunca estivera efetivamente dividido ¹⁵. Com o devido respeito à figura desse grande historiador, é preciso ressaltar que a sua interpretação vai de encontro ao que dizem os documentos, numerosos e explícitos sobre a fidelidade à teoria marxista-leninista pelos prototrotskyistas – a base conceitual única para a práxis revolucionária dos dissidentes.

A posição de Hobsbawm é majoritária na historiografia sobre o Partido Comunista e seus militantes, embora trabalhos produzidos a partir do último quartel do século passado tenham contribuído de modo significativo para corrigir esse quadro. Entre esses trabalhos, destaca-se *International Trotskyism, 1929-1985, A Documented analysis of the movement*, de Robert J. Alexander, que se debruça sobre a formação do trotskismo, a precocidade do seu aparecimento e a significação que teve na organização revolucionária dos trabalhadores, especialmente em São Paulo ¹⁶.

No Brasil, têm surgido obras que ilustram os primeiros esforços da historiografia brasileira para interpretar as cisões ocorridas no PCB, na óptica dos próprios protagonistas dos acontecimentos históricos. Óptica liberta da versão tradicional, pouco sistematizada e insuficientemente lastreada por fontes de primeira mão, que desclassifica a versão dos dissidentes e encerra o conhecimento no aspecto institucional e burocrático da direção partidária e da Internacional Comunista ¹⁷. Este artigo perfilha-se a essa corrente, focalizando o aspecto ainda insuficientemente investigado das circunstâncias que marcaram a prisão e a eliminação dos trotskistas pela polícia de Vargas. Metodologicamente, insere-se no

¹⁵ HOBBSAWM, E. J. *Revolucionários*. 2. ed. Trad. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 16.

¹⁶ ALEXANDER, Robert J. *International Trotskyism. 1929-1985. A Documented Analysis of the Movement*. Durham and London: Duke University Press, 1991, p. 131.

¹⁷ SOUSA, Rafael Lopes; CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda; GODOY, Marília Gomes Ghizzi. Memória e História da esquerda: a organização da massa trabalhadora em São Paulo, Brasil. *CLIO* (Recife), v. 35, 2017, pp. 89-113.

campo de investigações sobre um dos aspectos mais brutais da repressão: o encarceramento, a tortura e a morte de milhões de pessoas que foram consideradas perigosas para sistemas autoritários, de ampla natureza e duração na história mundial. A base empírica é fornecida por documentos de primeira mão, produzidos pelos dissidentes ou pela polícia política. No primeiro caso, figuram os acervos dos fundos Mário Pedrosa e Lívio Barreto Xavier, ambos integrantes do CEDEM/UNESP; no segundo, os prontuários individuais ou institucionais arquivados no Fundo DEOPS/SP, do Arquivo do Estado de São Paulo.

2. Organização, Montagem e Funcionamento do Aparelho Político Repressor Em São Paulo

Em 1930, Getúlio Vargas ascendeu ao poder no Brasil, iniciando um período ditatorial de fato, embora de direito o sistema totalitário apenas se tenha instalado após o golpe de 1937, com a promulgação do Estado Novo, que procurava arremedar o modelo fascista de Mussolini. A partir desse acontecimento, a perseguição institucionalizada aos revolucionários acentuou-se dramaticamente, vindo a abranger todos os setores considerados hostis ao governo varguista – até mesmo os integralistas, "os camisas verdes", que formavam a versão nacional dos "camisas negras" italianos. Não obstante, os inimigos naturais do Estado continuavam a ser os membros do Partido Comunista do Brasil (PCB) e da Liga Comunista Internacionalista (LCI), os anarquistas e os socialistas revolucionários. A marcha da Revolução de Outubro tornou-se brutal e cruel pela política de Stálin, que tinha por objetivo construir uma guilhotina funcionando automaticamente contra todo adversário do comitê dirigente. Não parece ter havido nenhuma dúvida de que as confissões das vítimas dos expurgos efetuados assegurariam a intangibilidade do regime totalitário. Trotsky baseia a sua crítica de Stálin à degeneração burocrática da Revolução de 1917, conceituando o burocratismo como um fenômeno social, uma vez em que é um sistema de administração das pessoas e das coisas ¹⁸.

O comunismo real, sob Stálin, afastou-se drasticamente da teoria marxista-leninista anterior à Revolução de Outubro, ao adotar, como estratégia de governo, a

¹⁸ TROTSKI, Léon. *La Révolution Trahie. Les Crimes de Staline*. 6. éd. Paris: Bernard Grasset, 1937, p. 226.

repressão sistemática a ideias heterodoxas, atingindo o paroxismo em momentos de grandes expurgos, nos célebres processos de Moscou.

Fatos e explicações internacionais tinham as suas réplicas no Brasil, com a implementação de uma política de Estado baseada na eliminação sistemática dos inimigos do regime varguista, operada insidiosamente na vida cotidiana dos militantes, na liberdade ou na reclusão. As circunstâncias políticas e sociais do país, com as novas aspirações políticas, os descontentamentos, as conspirações contra a ordem de coisas reinante as ebulições ao Norte e as agitações ao Sul, aprofundaram o aparelhamento coercitivo preventivo e repressivo em São Paulo, com as finalidades de manutenção do *statu quo* político, social e econômico. O ambiente nacional estava inquieto e inseguro. A atmosfera carregada pelas veementes apóstrofes dos líderes revolucionários prenunciava a tempestade próxima, na esfera política da União, que chegou em 24 de outubro de 1930, com a deposição do presidente Washington Luís e a instalação no poder de Getúlio Vargas. As novas correntes ideológicas atemorizavam as elites, na medida em que dispunham de apoios internacionais, ameaçando o domínio do poder por regimes de esquerda ou de direita. O proselitismo dessas correntes atingiu a níveis nunca vistos no país e no exterior. Obedientes às orientações moscovitas ou de dirigentes internacionais trotskistas, os comunistas multiplicaram comícios, o número de adeptos, a ação de seus núcleos, fomentando greves e passeatas reivindicatórias em favor de direitos trabalhistas, do homem pobre ou proletário, levantando críticas sobre as instituições e as autoridades constituídas. E a polícia política recrudescer em suas tarefas de repressão aos camaradas, apoiada em novo regulamento dado à Repartição Central de Polícia e suas dependências. Estabeleceram-se o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), a Delegacia de Sindicância e Inquéritos, com os respectivos laboratórios técnicos e quadros funcionais, reorganizando o Presídio Político da Ilha dos Porcos¹⁹, que ficou com um diretor, um auxiliar de Diretor, um médico, um almoxarife, um enfermeiro e um encarregado da lancha e usina²⁰.

A situação de cerco dos trotskistas encontrava-se dolorosamente agravada pela posição dos comunistas ortodoxos, que seguiam a orientação do Komintern de se livrarem dos opositoristas. Com efeito, após a dizimação dos comunistas

¹⁹ Denominação mudada, em 1934, para “Ilha Anchieta”. VIEIRA, Hermes. *Formação Histórica da Polícia de São Paulo*. São Paulo: Serviço Gráfico da Secretaria da Segurança Pública, 1965, p. 400.

²⁰ VIEIRA, Hermes. *Formação Histórica da Polícia de São Paulo*. São Paulo: Serviço Gráfico da Secretaria da Segurança Pública, 1965, pp. 390-401.

estrangeiros que viviam na URSS, Stálin voltou-se para os dissidentes que viviam no exterior, dando à NKVD a chance de comprovar o seu poderio mundial. Partidos comunistas internacionais, submetidos às regulamentações provindas do Komintern, apoiavam-se nos serviços policiais da NKVD, fato que se encontrou denunciado pelo próprio Trotsky e por militantes trotskistas de todo o mundo. A GPU, que era o órgão principal do poder de Stálin e da dominação totalitária, era uma organização com métodos internacionais bem estabelecidos. Para o desenvolvimento de suas atividades, possuía uma cobertura legal ou semilegal fornecida pelos partidos comunistas, que lhe forneciam um ambiente favorável para o recrutamento de seus agentes. Na condição de organizações, embora dessemelhantes, a GPU e o Komintern estavam indissolúvelmente ligados, subordinando-se um ao outro, mas com a supremacia do Komintern.

Até mesmo em datas posteriores à morte de Trotsky, a eliminação de seus seguidores prosseguiu, em obediência a ordens estritas de Stálin. Pelo mundo todo, essas ordens repercutiram, a desvelar comportamentos policiais de comunistas ortodoxos para com os militantes das pequenas organizações trotskistas. Há provas documentais de que vários trotskistas foram denunciados às polícias políticas de seus países ou até mesmo eliminados fisicamente por antigos companheiros de jornada.

Nas prisões e nos campos de concentração, os trotskistas permaneciam sistematicamente isolados pelos prisioneiros stalinistas, que se abstinham de manter qualquer conversa ou de auxiliá-los nas circunstâncias terríveis que enfrentavam, com sérios riscos para a solidariedade trabalhadora. Nos primeiros meses de 1938, a eliminação dos últimos sobreviventes da Oposição de Esquerda Russa estava em sua etapa final, com o fuzilamento em massa que se verificou na olaria de Vorkuta, de centenas dos últimos aderentes da luta política de Trotsky e de suas interpretações teóricas sobre as teses marxistas leninistas ²¹.

No Estado de São Paulo, a repressão institucionalizou-se no Gabinete de Investigações, fundado em 1906, que se revelou de funesta eficiência para o controle de subversivos, obrigando a luta proletária a assumir a defesa dos companheiros encarcerados ou perseguidos pela polícia. Pela complexidade da tarefa de coibir movimentos grevistas, cada vez mais intensos e alastrados entre operários, o

²¹ COURTOIS, Stéphane [et al.]. *O livro negro do comunismo: crimes, terror e repressão*. Com a colaboração de Rémi Kauffer [et ali.], tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999, pp. 364-365.

Gabinete de Investigações transmutou-se na Superintendência de Ordem Política e Social, formada pelos dois setores indicados em sua designação, e investida de plenos poderes para neutralizar a "propaganda e a agitação de massa", tarefa que exercia minuciosamente na vigilância e prisão de "agitadores" nocivos aos interesses dos empresários. Esses poderes advinham do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), criado por decreto presidencial em dezembro de 1939, com o objetivo de difundir as ideias do Estado Novo junto às camadas populares. O DIP foi a versão final de uma série de órgãos: o DOP (Departamento Oficial de Publicidade), de 1931; o DPDC (Departamento de Propaganda e Difusão Cultural), de 1934; e o DNP (Departamento Nacional de Propaganda), de 1938. Com o perfil requerido, agentes infiltrados anotavam em "comunicados reservados" como agiam as lideranças em sindicatos, clubes, fábricas, editoras, jornais ou em agremiações e locais possíveis ou presumidos em que os trabalhadores estendessem as suas atividades laborais para a política contestatória à ordem burguesa. À vigilância, seguiam-se o encarceramento, a tortura, a morte ou o exílio para indivíduos considerados nocivos ao regime ditatorial. Os prisioneiros políticos eram abrigados com criminosos comuns em cubículos minúsculos e infectos dos xadrezes da polícia política. Regra geral, os prisioneiros estavam sujeitos à incomunicabilidade completa com o mundo exterior, sem excetuar seus advogados e familiares. Espancamentos, torturas contínuas e em alguns casos condenações sumárias a trabalhos forçados compunham o cotidiano das prisões ²².

Apesar de os trotskistas terem sido responsáveis, quando ainda integravam os quadros do "Partidão", pela fundação de "O Socorro Proletário", que deveria atender a fins humanitários, ministrando meios para mitigar os sofrimentos dos presos políticos, eles se viram excluídos de qualquer auxílio, por determinação dos stalinistas, que, como a corrente mais numerosa, controlavam as organizações coletivas nas prisões. De fato, foi Mário Pedrosa que, ao deixar a Paraíba e mudar-se para São Paulo, em 1927, quem assumiu a tarefa de organizar a assistência material e jurídica aos comunistas presos ou perseguidos politicamente, por meio do Socorro Vermelho, que foi estendido a todas as correntes políticas proletárias ²³. Nos cárceres varguistas e nos campos de concentração, os comunistas procuravam eliminar fisicamente os seus

²² JORNAL *Homem Livre*, O Presídio Político da Ilha dos Porcos, 3/1/34, p. 3.

²³ MARQUES NETO, José Castilho. *Solidão Revolucionária: Mário Pedrosa e as origens do trotskismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993, p. 95.

adversários mais próximos, aproveitando-se das posições conseguidas na hierarquia do cárcere e que envenenou até a medula o movimento operário, levando-o ao servilismo e ao cinismo que se espalharam por todo o Komintern, atingindo os membros da seção brasileira da Liga Comunista Internacionalista. Desse prisma, é preciso ressaltar que os opositores de esquerda reunidos, a partir de setembro de 1931, na Liga Comunista Internacionalista, eram as vítimas preferenciais da polícia política, pois esta tinha a sua ação reforçada pelo PCB, pródigo em denunciar antigos companheiros em seus jornais. Tomados pela perseguição dupla, os aderentes da LCI sofreram prisões contínuas, desfalcando os seus já anêmicos quadros. Para ilustrar, há o caso do primeiro Secretário Geral da liga, o jornalista Aristides da Silveira Lobo (codinome: "Fernando"), preso em 23 de março, 26 de maio, quatro de julho, 1.º de agosto e 12 de setembro de 1931, além de "inúmeras outras vezes" ²⁴. Sempre em 1931, os arquivos do DEOPS registram pelo menos duas prisões para Victor Pinheiro (codinome: Alves), membro importante da LCI, cuja prisão é relatada por Osvaldo Chateaubriand, na matéria intitulada "Como no tempo do velho Cambuci", que descreve a prisão de um grupo aproximado de 20 rapazes, remetido "à volúpia reacionária do Dr. Batista Luzardo". Entre eles estava o leninista Vítor Pinheiro, "que se preza do seu credo e não faz mistério de teoricamente cultivá-lo", lendo os seus livros, debatendo as suas ideias e trabalhando honradamente para ganhar o pão, sem cometer crime de qualquer espécie. Como palavras finais, Chateaubriand observa que a prisão dos "rapazes" não passava de uma farsa, concluindo com uma *boutade* racista: "Não é demais repetir ainda uma vez que o que não presta no Brasil é justamente a raça, mofina e dissoluta" ²⁵.

As prisões de trotskistas continuam a povoar os arquivos. Antônio Manoel Ribeiro, um tipógrafo agitador da greve dos gráficos, foi preso em 20/3/1931, ao distribuir o jornal *Trabalhador do Brasil*. De seu prontuário consta uma informação reservada sobre a "Lista de subscrição n.º 24", em favor de Manoel Medeiros, obrigado, pela tuberculose que o acometia, a fazer uma estação de cura em Campos de Jordão ²⁶, o que significou o afastamento de mais um valoroso membro da LCI.

²⁴ PRONTUÁRIO n.º 37, de Aristides da Silveira Lobo, v. 2, doc. 142. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.

²⁵ JORNAL *Diário da Noite*, A Pedidos, 11/9/1931. Fundo Lívio Barreto Xavier. Arquivo do CEDEM/UNESP.

²⁶ PRONTUÁRIO n.º 77, de Antônio Manoel Ribeiro, fls. 8-9. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.

Jayme Adour da Câmara, jornalista e diretor-gerente da Agência Brasileira Telegráfica, para escapar à prisão, refugiou-se na cidade de Duartina, tendo sido denunciado pelo padre Francisco de La Torre Lucena, durante o sermão da missa dominical, fato a confirmar a colaboração estreita estabelecida entre a Igreja Católica e a polícia varguista (PORTARIA do Delegado de Polícia de Duartina) ²⁷. O inquérito que se seguiu expressa o cerco aos trotskistas, efetuado não apenas pelos “agentes da ordem”, mas também pelos membros civis da cidade, como se depreende das declarações testemunhais que apontam para um cenário de medo dos moradores, aparentemente solícitos em corresponder aos objetivos da polícia. A primeira testemunha é o integralista Arthur Pacífico Garbine, que declara ter sido chamado de sua casa, à noite, pelo padre La Torre a fim de lhe esclarecer sobre a filiação política do Dr. Jayme. Como resposta, ele respondera ter visto na casa do denunciado muitos livros comunistas, além de livros autografados de Plínio Salgado, “porém intactos e sem terem sido lidos”. As obras que observou eram de autoria de russos, mas a testemunha não sabia de eram de “propaganda comunista ou apenas de literatura”. O padre confirma que havia “verberado o comunismo”, como costumava fazer em seus sermões, porém não podia precisar sobre a existência do comunismo ou de comunistas em Duartina. A comunidade continua a se manifestar, em registros que nos auxiliam a entender o ambiente em que se moviam perseguidos e perseguidores: outra testemunha informa que a cidade de Duartina havia organizado uma comissão destinada a cooperar com a Defesa Social Brasileira, em repressão ao comunismo. Não há uma única voz a se erguer em defesa de Adour da Câmara. O último registro em seu prontuário refere-se ao ano de 1932, quando a *Folha da Noite* entrevistou-o como “feiticeiro-mor da Sociedade Pró-Arte Moderna” ²⁸.

João da Costa Pimenta, mais uma das lideranças da liga, foi também detido em 4/4/1931 ²⁹. Um mês após, chegou a vez de Corifeu de Azevedo Marques, preso por ter provocado grande agitação entre os elementos do Bureau Regional do PCB, do qual era secretário, provavelmente seguindo a tática da liga de combater a “burocracia dirigente” no seio do próprio partido. Em 1/8/1931 foi novamente preso, com Aristides

²⁷ PRONTUÁRIO de Jayme Adour da Câmara, n.º 217, fl. 40. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.

²⁸ PRONTUÁRIO de Jayme Adour da Câmara, n.º 217, fls. 37-39. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.

²⁹ PRONTUÁRIO de Jayme Adour da Câmara, n.º 217. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.

Lobo e Paulo de Lacerda, no Largo da Concórdia ³⁰, tendo seguido, em 20/9/1931, para o Rio Grande do Sul, a bordo do navio Anníbal Benévolo ³¹.

A polícia aprisionou Aristides Lobo e seu companheiro Mário Dupont no decorrer de uma batida efetuada na casa de Olga Pandarsky, que formava com Mark Pandarsky um casal de agentes do Comintern, transferido de Montevidéu para o Brasil, por ordem do Bureau Sul-Americano. Em sua nova morada, Olga tornou-se membro do Comitê Central do PCB ³². Nessa diligência, foi apreendido um documento com o nome das pessoas que deveriam ser procuradas pelos Pandarsky, assim como outras que precisavam ser evitadas. Munida desse registro, a polícia passou a efetuar muitas prisões, sobre as quais mantinha "grande reserva" ³³. Com o objetivo evidente de desclassificar a prisioneira, as notícias sobre o acontecido enfatizam que Olga deixara uma filha de quatro anos de idade, com a sua mãe, na Rússia, e que desembarcara no Brasil em 27/1/1931, proveniente do Uruguai. É provável que os Pandarsky tivessem entrado em contato com Aristides Lobo em Montevidéu e que, ao serem transferidos para o Brasil, tivessem recebido a orientação para se afastarem do líder trotskista. Essa probabilidade se fortalece por meio de uma carta em que Olga critica fortemente a "família" (codinome do PC), declarando que os dois representantes não valem "nem um caralho": o mais importante estava em luta com o partido e o outro "um mulatinho é um tipo perfeito de burocrata". As referências veladas da carta acima apontam, de modo óbvio, para Aristides Lobo e Mário Dupont. Dando sequência às suas reclamações, Olga informa que brigava continuamente com Ramon Guerrero. Quanto ao relacionamento de seu companheiro com a Internacional Comunista (chamada pelo cognome de "tia"), completa: "Enfim, tuas relações com a tia – 'eu vou cagar e tu vais limpar', e é tudo, não me parece que podem dar bons resultados" ³⁴.

³⁰ PRONTUÁRIO n.º 37, de Aristides da Silveira Lobo, v. 1, doc. n.º 23. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.

³¹ PRONTUÁRIO n.º 52, de Corifeu de Azevedo Marques. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.

³² PRONTUÁRIO n.º 888, de Olga Pandarsky ou Maria Rodrigues, v. 1. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.

³³ JORNAL *Diário Nacional*, 7/7/1931. Recorte presente no PRONTUÁRIO de Olga Pandarsky ou Maria Rodrigues, n.º 888. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.

³⁴ Tradução da carta em espanhol, de "Maria" (o pseudônimo de Olga) a Mark. Prontuário citado, fl. 2. O original, manuscrito, a tinta, da carta, encontra-se no prontuário de Mark Pandarsky, n.º 895. DEOPS/SP.

Sobre Olga Iazikoff Pandarsky há uma informação intrigante no prontuário de João Menezes, um estucador negro, detido ao sair da casa em que morava a "agente de Moscou": a polícia suspeitou, após a Intentona de 1935, que Olga seria a companheira de Prestes ³⁵. Um mês transcorrido, Aristides Lobo é feito prisioneiro mais uma vez durante um comício realizado no Largo da Concórdia, às 19H30 ³⁶ do dia 1.º de agosto de 1931. O delegado que o prendeu informa que, assim que Lobo, tirando o chapéu, pronunciou "Trabalhadores", numeroso grupo aproximou-se do local, desfraldando bandeiras vermelhas com dísticos e emblemas "comunistas". A polícia interveio e com o auxílio de praças de cavalaria conseguiu dispersar o ajuntamento, realizando algumas detenções, inclusive a do orador ³⁷.

As prisões de trotskistas tornam-se cada vez mais frequentes, comprovando o ritmo constante e crescente de suas atividades. Em 4/9/1931, Antônio Mendes de Almeida foi preso ³⁸. O mesmo aconteceu, em 5/10/1931, a Luciano Raguna, sócio da UTG (União dos Trabalhadores Gráficos) e membro da LCI ³⁹. Foi detido, em 10/10/1931, Augusto Pizzuti, um pespontador "moreno", desligado do PCB em 1929, amigo de Aristides Lobo e João Menezes. Em depoimento, Pizzuti declara que saíra do PCB "em virtude de certas responsabilidades que lhe pesam, e por ter de cuidar de sua família, ficando apenas, como ainda o é, simpático do mesmo" ⁴⁰.

Os inspetores Orestes Lascala e Joaquim A. Gentil comunicam as prisões do jornalista e redator de *O Internacional*, Antônio Brites dos Santos, nos anos de 1930 e 1932, "íntimo companheiro de Aristides Lobo" e "agitador de greves e propagandista revolucionário", com o seguinte comentário: "sob a capa do trabalho, sob a aparência pacata que falsamente demonstram, esses elementos perniciosos aproveitam o campo facilmente impressionável das classes rudes para disseminação de suas ideias" ⁴¹. A última anotação sobre a militância de Brites data de 25/10/1932 e integra um ofício da Superintendência de Ordem Política e Social dirigido ao delegado de

³⁵ PRONTUÁRIO n.º 1.030, de João Menezes. Arquivo do Estado de São Paulo. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.

³⁶ Comícios, passeatas e reuniões em geral se iniciavam nesse horário, como estratégia para reunir os trabalhadores no término do expediente laboral.

³⁷ PRONTUÁRIO n.º 1.691, de Caio Prado Jr. e Antonietta Prado. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.

³⁸ PRONTUÁRIO n.º 79, de Antônio Mendes de Almeida. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.

³⁹ PRONTUÁRIO n.º 1255, de Luciano Raguna, fl. 10. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.

⁴⁰ PRONTUÁRIO n.º 47, de Augusto Pizzuti. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.

⁴¹ PRONTUÁRIO n.º 58, de Antônio Brites dos Santos. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.

Santos, informando que o prisioneiro se dirigia para aquela cidade a fim de retirar suas malas e roupas, e depois deixaria o Estado de São Paulo, "conforme é seu desejo" ⁴².

Agentes secretos, encarregados da vigilância de Aristides Lobo na cidade de Santos, na qual se encontrava refugiado em casa de João de Oliveira, assinam um documento reservado a respeito da presença dos dois revolucionários em uma reunião da Construção Civil daquela cidade, comprovando que, mesmo sob cerrado cerco policial, os opositores de esquerda continuavam a desempenhar as suas atividades políticas, militando junto a organizações de classe ⁴³. Como acontecia em circunstâncias semelhantes, a prisão de Lobo ocorreu logo após, na madrugada de 21 de julho de 1932, na sede da mesma associação ⁴⁴, tendo sido o prisioneiro removido para o Presídio Maria Zélia, em 29/7/1932 ⁴⁵.

Em batida efetuada na noite de 11 de agosto de 1932, a polícia deteve Mário Pedrosa para averiguações de "comunismo". Nos dias 12 e 31 subsequentes, numa evidente tentativa de fuga, Pedrosa foi identificado ao obter o passaporte sob n.º 636, com o objetivo de viajar para a França, Bélgica e Inglaterra, mas os policiais declaram não saber se ele havia ou não viajado ⁴⁶. Tratava-se de mais uma importante defecção nos quadros da liga, considerando-se que Pedrosa era um de seus membros-fundadores. A polícia arrastou com Pedrosa a sua companheira Mary Houston, Victor de Azevedo Pinheiro ("elemento de grande atividade e que há tempos foi remetido para o Uruguai") e Mário Dupont. Outros "elementos", que a Delegacia de Ordem Social não pôde identificar, dada a escuridão e a dificuldade do lugar, conseguiram se evadir naquela noite. Mary Houston foi outra vez detida, em 1934, como "elemento suspeito de 'trotskista'", mas não foi processada ⁴⁷.

Domitiliano Rosa, gráfico negro, caiu na teia da repressão em 4/7/1931, durante a conferência do Ministro do Trabalho, pelos apartes violentos que emitira, em conjunto com outros trotskistas ⁴⁸. Em 3/10/1931 chegou a vez do ferroviário Honório Pinto, novamente encarcerado em 30/9/1933, em cujo depoimento consta que havia

⁴² OFÍCIO DA POLÍCIA DE SANTOS, de 7/7/32. PRONTUÁRIO de Antônio Brites dos Santos, n.º 58.

⁴³ RELATÓRIO RESERVADO de 11/2/32. PRONTUÁRIO de Ramon Guerrero Simon, n.º 390. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.

⁴⁴ PRONTUÁRIO n.º 1.691, de Caio Prado Jr. e Antonietta Prado, doc. n.º 37, fl. 37. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.

⁴⁵ PRONTUÁRIO n.º 1.691, de Caio Prado Jr. e Antonietta Prado, doc. n.º 41, fl. 37. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.

⁴⁶ PRONTUÁRIO n.º 2.030 de Mário Pedrosa, Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.

⁴⁷ PRONTUÁRIO n.º 2.096, de Mary Houston Pedrosa. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.

⁴⁸ PRONTUÁRIO n.º 1.046, de Domitiliano Rosa. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.

sido expulso do partido, por "simples fraqueza" ⁴⁹. Outro "simpatizante" da LC, o garçom espanhol Elias Garcia Sanchez, foi detido por quatro vezes entre 1930 e 1932, ocasiões em que declarou ser simpático às ideias comunistas pelas conversas que mantinha com Corifeu Azevedo Marques, Henrique Covre e Paulo de Lacerda ⁵⁰. Plínio Gomes de Mello, aprisionado em 8/4/1932, pede, em bilhete manuscrito a ser entregue ao "Dr. Lívio Xavier ou Dr. Nabor Caires Brito ou Dr. Miguel de Macedo", ou, ainda "a qualquer redator do *Diário da Noite* ou do *Diário de São Paulo*", que lhe fossem enviados 20 ou 30\$000 e a sua capa para o Gabinete de Investigações ⁵¹.

Desde 1930, tornara-se hábito dos stalinistas considerarem "loucos" os dissidentes e interná-los em asilos de alienados com o fim de silenciá-los, o que ocorreu com Fernando de Lacerda, durante a sua estada na União Soviética. Fernando havia entrado no recém-criado Partido Comunista Brasileiro por intermédio de Paulo de Lacerda, o seu irmão mais novo. Este, por sua vez havia se inscrito no PCB por Astrogildo Pereira e Otávio Brandão e havia permanecido fiel às teses políticas de seus instrutores até enlouquecer, como resultado de torturas a que fora submetido, em 1931. Fernando de Lacerda, em coautoria com Luís Carlos Prestes e Sinanin publicou *A Luta contra o Prestismo e a Revolução Agrária e Antiimperialista*, uma coletânea de artigos, considerada ilegal pelo PCB da época. Até no título, essa obra revela a orientação de Sinanin para a autoflagelação tanto de Prestes, quanto de Lacerda. Sinanin, um russo branco, infiltrado na militância comunista da Internacional Comunista, foi mais tarde fuzilado na URSS, e os Guralsky, expulsos mais tarde do PC russo eram os principais instrutores dos comunistas brasileiros. Embora Foster Dulles informe, no prefácio de *Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900-1935)*, que os representantes da IC de Moscou impuseram uma política extremamente sectária ao PCB e forçaram o afastamento dos antigos líderes, sob o argumento de que teriam ideias pequeno-burguesas, tal justificativa é insuficiente para explicar as consequências dos oito anos da feroz estrutura do Estado Novo para o desenvolvimento social brasileiro, como resultado direto do fracasso da ANL, da qual aqueles representantes foram os principais mentores ⁵².

⁴⁹ PRONTUÁRIO n.º 1.263, de Honório Pinto. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.

⁵⁰ PRONTUÁRIO n.º 2.032, de Elias Garcia Sanchez. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.

⁵¹ PRONTUÁRIO n.º 385, de Plínio Gomes de Mello. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.

⁵² LACERDA, Sebastião Eurico Borges de. Os responsáveis pelo levante de 1935: correções ao livro de John W. Foster Dulles. *Jornal do Brasil: Livro*. Rio de Janeiro, 11 de fevereiro de 1978.

A década de 1930 assistiu à sequência desastrosa de prisões dos opositores de esquerda: uma detenção conduzia à outra, por alusões pessoais ou indicações eventualmente encontradas em poder dos prisioneiros, como aconteceu com José Auto Cruz de Oliveira, preso em sua residência, em 8/10/1934. Assim como Mário Barreto Xavier, ele era funcionário do Banco do Brasil e ambos foram denunciados como comunistas-trotskistas que atuavam na Coligação dos Sindicatos Proletários de São Paulo. José Auto conta, em seu interrogatório, ter vindo há dois meses da Bahia para São Paulo e que se encontrava casado, há um ano e meio, com Rachel de Queiroz, também comunista. Na capital paulista conhecera Murillo Teixeira de Mello e os boletins encontrados em sua residência foram-lhe fornecidos por Lívio Xavier, a quem fora apresentado por Mário Xavier, um colega de banco, irmão de Lívio. José Auto diz ser simpatizante do ideal comunista, mas que não pretendia empregar meios de ação prática ou fazer propaganda em defesa de suas ideias, tendo se comprometido a nunca mais receber material comunista, para leitura ou para guardar. Na ocasião, informou que sua esposa fora detida no Rio de Janeiro, sendo logo afastada pela polícia federal e remetida para o seu Estado natal ⁵³.

As fontes revelam que a vida dos opositores de esquerda tornava-se ainda mais espinhosa pela colaboração estreita existente entre as polícias do Brasil, Argentina e Uruguai, uma vez que, mesmo quando refugiados ou exilados em países vizinhos, continuavam ao alcance da polícia brasileira, pois as suas reuniões eram consideradas como um risco para o seu país de origem ⁵⁴. O objetivo das polícias políticas era derrotar toda a oposição, envenenar em sua própria fonte todo pensamento crítico, consagrar-se em defender o totalitarismo na política.

3. O Cotidiano dos Trotskistas nas Prisões: o Que Dizem os Documentos

A repressão aos opositores da ditadura varguista apoiava-se em medidas legais e jurídicas, reunidas sob o título “Ordem e Segurança”, que dissolvia os partidos políticos, “em caráter provisório, para o fim de dar estabilidade à ordem política do país”. Com o mesmo objetivo, criou-se e se organizou o Tribunal de Segurança Nacional, destinado ao processamento e julgamento dos crimes políticos, ao mesmo

⁵³ PRONTUÁRIO n.º 4.089, de José Auto Cruz de Oliveira. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.

⁵⁴ INFORME reservado de Mário de Souza, São Paulo: 9/3/1933. PRONTUÁRIO de Salisbury Galeão Coutinho (Dr.), n.º 163. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.

tempo em que se estabeleceu uma campanha “contra o comunismo, que se infiltrara pelo país, e se conseguiu a sua inteira debelação”. A infraestrutura necessária a essa “debelação” comportou a construção da Penitenciária Agrícola do Distrito Federal, na Ilha Grande, e outras obras de remodelação e ampliação para a “perfeita montagem do aparelho penitenciário do Distrito Federal”, incluindo “novas e importantes construções no conjunto penitenciário da Ilha Fernando de Noronha”⁵⁵. Notícias sobre a situação dos prisioneiros nas prisões conseguiam burlar a censura ditatorial, que se tornara mais rigorosa após o levante de 1935 e do estado de sítio. Rodolpho Ghioldi, dirigente do Partido Comunista da Argentina, foi submetido a torturas continuadas pela polícia brasileira. Por dois meses, a sua alimentação restringiu-se a meio litro de leite por dia. A sua mulher, Carmem Alfaya de Ghioldi, encarcerada no mais absoluto segredo, mal se alimentou, pois sua comida apresentava-se frequentemente em estado de deterioração. Em 9/7/1936, a argentina Maria Benegas, como acontecia com todas as mulheres acusadas de crimes políticos, foi desnudada e espancada, no mês que passou na polícia central, na companhia de “prostitutas e dos ladrões de direito comum, em locais imundos, dormindo sobre o solo e sem cobertas, e sem outra alimentação a não ser café e um pão indigesto”. Corriam rumores de que Luís Carlos Prestes já estava morto e a sua mulher teria saído da prisão e havia abortado, em razão de maus tratos, existindo a intenção de entregá-la a Hitler. A mesma sorte estava reservada ao ex-deputado comunista do Reichstag alemão, Ewert e sua mulher⁵⁶.

As circunstâncias terríveis a que estavam submetidos os prisioneiros são descritas pela LCI em um longo relatório enviado ao Secretariado Internacional. Esse relatório declara que, logo após a Intentona de 1935, a mais profunda e extensa fase de repressão atingiu o movimento, com a prisão dos revolucionários em geral, os quais perderam as suas ligações com a massa operária. As duras condições a que eram submetidos, levaram os presos, em março de 1936, a depredar as divisões de madeira do presídio Maria Zélia. Nova sublevação ocorreu em 30 de abril do mesmo ano, mas foi dominada imediatamente, depois de ter sido apedrejada a direção do presídio. Os motivos desses levantes foram o mau tratamento dos prisioneiros, as

⁵⁵ SCHWARTZMAN, Simon (org.). *Estado Novo, um Auto-retrato*. Brasília: Universidade de Brasília, 1983, pp. 71-72.

⁵⁶ MANZANELLI, Jesus. *La vie de Ghioldi, Prestes, Ewert et leurs femmes est en danger*. La Correspondance Internationale, n.º 49, Buenos Aires, 1936. In: CARONE, Edgar. *Corpo e Alma do Brasil: O P.C.B. (1922-1943)*. São Paulo: Editora Difel, 1982, pp. 200-201.

restrições e proibições existentes e, finalmente, a suspensão das visitas. Após a sublevação, os prisioneiros mais ativos foram separados pela polícia. Os tuberculosos, que existiam em grande número, foram enviados para “estações” de 15 dias, à enfermaria do Presídio Paraíso. Existiam perto de 500 presos do Maria Zélia que não dispunham de agasalhos, camas e alimentação suficientes, e a liga ficara sozinha para a fundação de um novo Socorro Proletário ⁵⁷, uma vez que os socialistas recusavam-se a contribuir até para auxílio de seus militantes. Nessa situação, a LCI não conseguia enviar mais de 100\$000 (cem mil réis) mensais, correndo rumores de que os stalinistas resolveram liquidar o SVI (Socorro Vermelho Internacional). Durante um discurso pronunciado em comício, Getúlio Vargas afirmou que os comunistas seriam isolados em “colônias agrícolas”, para redução social, instalando-se, pois, o regime do campo de concentração no Brasil. Mas mesmo antes dessa declaração presidencial, o governo estava enviando comunistas para as colônias correccionais da Ilha Grande e dos Porcos. No seio da classe operária, circulava a notícia que os estrangeiros deportados, especialmente dos países do norte da Europa, não eram enviados para os seus países de origem, mas sim entregues às autoridades alemãs, em Hamburgo, às quais a polícia brasileira confiava a tarefa de desembarcá-los. A polícia havia deportado Ristori, ativo combatente contra o fascismo na colônia italiana, para a Itália, o que significava entregá-lo à vingança e ferocidade dos fascistas de Roma. Ristori – continua o relato – deveria ser defendido, apesar de ser anarquista ⁵⁸.

Diante da reação burguesa, a liga passou a defender os militantes presos, denunciando a expulsão de numerosos estrangeiros, além da permanência de centenas e centenas de operários e de proletários em calabouços, sem nenhum indício de culpa. Nessas circunstâncias, anarquistas, socialistas, sindicalistas, nacional-libertadores, stalinistas e bolcheviques-leninistas deveriam unir suas forças para libertar os militantes estrangeiros ⁵⁹.

A rotina nas prisões, segundo fartos testemunhos, poderia ser resumida na palavra angústia: um peso enorme que recaía sobre os detentos, em minutos sem fim,

⁵⁷ O SVI era uma organização destinada a fornecer assistência material e jurídica aos comunistas presos ou perseguidos politicamente e que foi instalado por Mário Pedrosa, no ano de 1927, quando se mudou para São Paulo, e trabalhava no jornal *Diário da Noite*. Nesse mesmo ano, Pedrosa seguiu para Moscou, por designação do PCB, a fim de frequentar a Escola Leninista.

⁵⁸ MANUSCRITO DE AUTORIA DE HYL CAR LEITE, apreendido pela polícia. PRONTUÁRIO da LCI, n.º 4.143, v. 1, fls. 149-148. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.

⁵⁹ BOLETIM “UNAMO-NOS PARA LIBERTAR AS VÍTIMAS DA REAÇÃO CAPITALISTA! Lutemos contra a Deportação dos Operários Estrangeiros!”. PRONTUÁRIO da LCI, n.º 4.143, v. 3, fl. 53. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.

em horas que não passavam, no rolar pesado dos dias. Na Ilha Grande, controlada pelo tenente Canepa, as embarcações estavam todas sob rígido controle, não trazendo jornais, cartas ou telegramas para os internados, mantidos em rígido isolamento. Agonia mantida em silêncio, no pudor do sofrimento de cada prisioneiro. A ideia dominante é a fuga, praticamente impossível pela vigilância das portas por praças de baioneta calada, a travessia do mar, a ausência de bússola, as matas desconhecidas ⁶⁰.

A Oposição de Esquerda relata que multidões de prisioneiros se encontravam em ilhas e presídios longínquos e nas celas das delegacias da capital paulista. Esses prisioneiros sofreram espancamentos bárbaros, tendo alguns deles perecido como consequência dos ferimentos recebidos. Esses fatos eram desconhecidos da população, pois a censura vedava a sua publicação pelos meios de comunicação da época. Havia trabalhadores às dezenas amontoados em masmorras frias, passando fome e suportando ultrajes selvagens, caindo mortos como consequência dos maus tratos contínuos a que eram submetidos. Em 17/1/1936, A LCI distribuiu um panfleto em protesto contra o envio dos militantes operários para a Ilha dos Porcos, acusando a polícia de ter iniciado a deportação dos militantes proletários, que haviam sido presos após os acontecimentos armados de 1935, efetivados em Natal, Recife e Rio de Janeiro. As primeiras levas de prisioneiros já estavam sendo enviadas para Santos, de onde seriam embarcados para a “ilha correcional, onde eles encontrarão a fome, os trabalhos forçados, os maus tratos, os espancamentos, as doenças e onde serão também assassinados a bala ou à custa de sevícias” ⁶¹.

O jornalista João Matheus, fundador da Liga Comunista Internacionalista, foi espancado até perder os sentidos na 4.^a Delegacia da Casa de Detenção, na qual permaneceu durante um mês, acabando por ser enviado do Rio para São Paulo, com um ferimento profundo na cabeça. Hílcar Leite, José Medina e Pedro Correa, além de muitos outros, passavam por situação semelhante. Manoel Medeiros, gráfico e membro veterano da LCI, foi pego pela polícia em 31/5/1936. Submetido a interrogatórios constantes, Medeiros relata que havia entrado para o PCB em 1925, e, em 1929, fora dele excluído por ter tentado organizar a "União Beneficente dos Trabalhadores Gráficos", fora da influência do partido; em 1932, a convite de Mário Pedrosa, ingressara na liga, na qual na qual havia militado até o momento de sua

⁶⁰ LESSA, Origenes. *Ilha grande*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933, pp. 75, 78-79.

⁶¹ PRONTUÁRIO n.º 4.143, da LCI, v. 1. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.

prisão ⁶². Em 16/5/1936, Medeiros assinou um compromisso, perante a Delegacia de Ordem Social, de "não mais adotar as linhas traçadas por Trotsky, assim como não mais propagar o programa da 'LCI', ou de qualquer organização de esquerda" ⁶³. O compromisso assinado não satisfez às autoridades: Medeiros foi novamente interrogado em 30 de junho, quando ratificou a promessa anterior, dizendo que o seu ideal se continha apenas no sindicalismo. Em 17 de agosto, depois de dores violentas e sem qualquer atendimento médico, Medeiros morreu na prisão, causando uma revolta entre os prisioneiros ⁶⁴. Ele havia sido violentamente torturado durante o seu interrogatório.

O sistema de agentes duplos, largamente utilizado pela polícia e responsável por numerosas traições a amigos íntimos, ajuda a entender a eficácia do sistema repressor, também evidenciada por meio de uma militância exercida além dos limites racionais de preservação individual e coletiva dos trotskistas, expostos em alto grau à polícia e seus agentes. O capítulo, no entanto, mais opressivo é o de colaboradores da polícia – pessoas comuns, integrantes de círculos de sociabilidade dos "subversivos", que se dedicavam à tarefa de entregar companheiros à repressão, anotando cuidadosamente as suas ações. O efeito de ler os documentos desses delatores pode ser terrível, como observa Timothy Garton Ash ⁶⁵. Informantes os mais diversos traíam companheiros de trabalho e de partido, vizinhos e parentes, por conta de benefícios reais ou imaginários. Como ganhos objetivos, os dossiês mencionam dinheiro, saída das prisões, convicções ideológicas, volúpia de trair ou de poder... O lituano João Gerulaitis, "comunista militante no Partido Trotskista", é uma dessas personagens. O Serviço Secreto informa sobre as circunstâncias aparentes que o decidiram a mudar de lado, após ser preso quando da batida policial na casa de Mark e Olga Pandarsky. João Gerulaitis, na prisão, fora aliciado para servir como informante, tendo prestado "relevantes serviços" que permitiram a desarticulação de um importante núcleo comunista de estrangeiros, assim como a apreensão de uma bem montada tipografia dos lituanos. Desde essa época, Gerulaitis continuou a prestar serviços à polícia, gratuitamente e "de maneira útil e proveitosa" ⁶⁶.

⁶² GOMES, Ângela de Castro (coordenadora). *Velhos militantes. Depoimentos de Elvira Boni, João Lopes, Eduardo Xavier, Hílcar Leite*. "Entrevista concedida no Rio de Janeiro, janeiro/fevereiro de 1984". Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1984, pp. 181-182.

⁶³ PRONTUÁRIO n.º 177, doc. n.º 27. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.

⁶⁴ "O 'LIBERALISMO' DO GOVERNO". FLBX, CEDEM/UNESP.

⁶⁵ O DOSSIÊ ROMEO. Arquivos secretos. Suplemento Mais! *Folha de S. Paulo*, 4/1/1998, p. 3.

⁶⁶ PRONTUÁRIO n.º 205, de João Gerulaitis, v. 2. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.

As informações acima transcritas indicam uma longa vida de colaboração de João Gerulaitis com a polícia, à qual entregou, durante mais de 20 anos, os seus amigos e companheiros comunistas. Trata-se de uma longevidade inusitada, pois os “agentes reservados”, infiltrados nas fileiras revolucionárias, teriam um prazo de validade curto: em dois ou três anos já estariam, provavelmente, descobertos nos ambientes em que circulavam. Quem emite essa opinião é o chefe dos investigadores especializados na caça a subversivos, Luiz Apollônio. As declarações iniciais de João Gerulaitis envolvem vários colegas (Corifeu de Azevedo Marques, Henrique Covre, Plínio Mello e outros), que são denunciados como figuras frequentes nas reuniões que ocorriam na residência dos Pandarsky. Essa colaboração deve ter causado a soltura do prisioneiro, que pouco depois se apresentou espontaneamente ao DOPS, oferecendo seus serviços ⁶⁷ e se transformando em agente “reservado”, sem aparentar escrúpulo algum em entregar seus amigos às forças da repressão ⁶⁸.

Embora isolados, os revolucionários conseguiram produzir alguns documentos sobre as circunstâncias de suas vidas nas prisões, nas quais só sobreviviam pela tenacidade em resistir aos carcereiros, elaborando estratégias desesperadas para conseguirem alcançar alguns auxílios externos. Os mecanismos que poderiam ser utilizados eram naturalmente precários. Limitavam-se, via de regra, a pedidos de ajuda a amigos ou familiares, registrados em bilhetes confiscados pela polícia, provavelmente após uma denúncia efetuada por colegas de cela. É o que deixam entrever as palavras escritas a lápis, em uma caixa aberta de cigarros, dirigidas ao “Amigo Galeão Coutinho”, comunicando que se encontravam presos e incomunicáveis, na Emigração, sob a acusação de serem comunistas, o Capitão Guarany, diversos sargentos, Florêncio Tejeda (preso por vender o livro de Diogo Hidalgo editado pela “Pax”), João Freire de Oliveira da Editorial “Marenglen” e mais 12 indivíduos. Os missivistas informam que iriam iniciar uma greve da fome, e que já haviam sido ameaçados “de chibata”, embora ninguém ainda tivesse sido interrogado pelas autoridades. A carta termina com um pedido para que jornalistas independentes, como Motta Lima, usassem a imprensa para protestar contra essas prisões. Subscrevem-se, “muito gratas, As vítimas” ⁶⁹.

⁶⁷ PRONTUÁRIO n.º 205, de João Gerulaitis, v. 2. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.

⁶⁸ PRONTUÁRIO n.º 888, de Olga Pandarsky ou Maria Rodrigues, v. 1. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.

⁶⁹ PRONTUÁRIO n.º 888, de Olga Pandarsky ou Maria Rodrigues, v. 1. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.

Em desespero, os prisioneiros solicitam o auxílio material e jurídico dos companheiros em liberdade, impacientando-se com os revezes que os atingiam:

Não poderei ir amanhã, sexta-feira, ver o Hermínio. [...] O Hermínio, aborrecido com a demora, escreveu uma carta-defesa aos camaradas Trigo, Domingues e outros que por ele se têm sacrificado. Na carta, dava a entender que o tal *habeas corpus* era tapeação, que nada se havia feito e que era melhor serem francos. O Trigo leu a carta para os camaradas, rasgou-a e atirou-a fora, desculpando o Hermínio com o natural estado de ânimo de pessoa presa há tanto tempo [...] Ora, qual a nossa surpresa quando nos referiu o advogado que o Supremo não quis julgar o *habeas corpus*, por estar o nome do Hermínio metido num *habeas corpus* do Socorro Vermelho para os presos da Detenção! [...] Comuniquei isso ao Hermínio. Achei-o apreensivo porque a polícia estava deportando os companheiros sem atender nem a *habeas corpus*, nem a assinaturas de passaportes. [...] Recebi a *Lanterna* e verifiquei ter aí um saldo de 20\$000. Põe os 50\$000 para o Hermínio na minha conta do *Plebe* ou como donativo. [...] A lei monstro virá. Não tenhamos ilusões. Estou arranjando o meio de dar o fora antes que me apanhem. Vocês devem fazer o mesmo, não acham? ⁷⁰

Os opositores relatam que Aristides Lobo, aprisionado antes da delação que atingiu outros camaradas, esteve no Gabinete de Investigações com os operários do partido e foi posto, apesar de doente, numa das celas de tortura ali existentes. Depois de sua transferência posterior para o Presídio Político da Liberdade, foi obrigado a passar por todas as celas desse presídio, pois os stalinistas, quando não provocavam conflitos com o fim de obrigar as autoridades do presídio a determinar o seu isolamento como "truculento" ou "indisciplinado", chegavam até mesmo a negociar com os chefes da guarda a sua transferência de xadrez para xadrez. Mário Pedrosa foi submetido ao mesmo processo, sendo transferido do xadrez em que se encontrava, em virtude de um pedido feito aos diretores do presídio por dois "chefetes stalinistas". Durante todo o tempo da prisão dos trotskistas, os stalinistas não se limitaram a lhes recusar auxílio, transformando o Socorro Vermelho numa organização fechada, reservada somente para os que não hostilizassem a "linha geral": proibiram que os membros do Partido com eles palestrassem e chegaram mesmo, num dos xadrezes, a aliar-se a um russo branco, cuja credencial, para merecer as boas graças dos burocratas e ingressar no "coletivo" tinham sido "as calúnias que fez contra o camarada Trotsky". Como conclusão, o texto reafirma que a Oposição de Esquerda era a representante de fato das tradições revolucionárias do partido, na medida em que sustentava teoricamente as suas ideias e defendia na prática os seus métodos de

⁷⁰ PRONTUÁRIO n.º 888, de Olga Pandarsky ou Maria Rodrigues, v. 1. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.

luta. Pelo contrário, os burocratas dirigentes eram incapazes de discutir, de sustentar numa discussão livre as suas ideias, urgindo, portanto, reagir contra a "casta infecta de lúmpen-burocratas que vêm minando o organismo do partido" ⁷¹.

O grupo "Fernando-Alves", liderado pelos últimos aderentes da Liga Comunista que se haviam retirado do grupo dirigido por Hílcara Leite – Aristides Lobo, Victor Pinheiro e João Matheus –, caiu na rede policial que se seguiu à Intentona, comandada por Prestes, que pretendia instalar uma república comunista no Brasil. Embora em oposição a esse movimento, que consideravam prematuro e fadado ao fracasso, os trotskistas foram encaminhados para o Presídio Paraíso em 25/11/1935. De acordo com uma ata, encontrada com João Matheus, o grupo dissidente tinha sido organizado pouco tempo antes da tentativa revolucionária de 1935 ⁷². No inquérito instaurado, há o registro das constantes ligações mantidas entre os militantes, intensificadas nos dias próximos à Intentona, com o objetivo de, na expressão policial, "unirem-se as massas" ⁷³.

Matheus e Pinheiro, depois de 15 meses, acompanhados por mais 16 companheiros, conseguiram fugir do presídio por um túnel que construíram e que media perto de oito metros de extensão, desembocando em um quintal das proximidades. A recaptura dos evadidos foi rápida. Pinheiro, reduzido mais uma vez à categoria de prisioneiro, reafirma a sua convicção como trotskista, não negando, "por uma questão de dignidade", ponto algum de suas ideias, mas alega que, pelo fato de se ter casado, iria se retirar de suas atividades de militância, a fim de não prejudicar a sua esposa ⁷⁴.

Aristides Lobo retornou à cadeia em 3/12/1935, após ter sido "acampanado" por policiais, que seguiram o seu dia-a-dia, desde o mês de outubro. Com a direção da liga, também caíram os seus aderentes, marcando a etapa final da militância dos prototrotskistas brasileiros, nos tempos de Vargas.

A repressão viu-se favorecida pela polarização do cenário político brasileiro, que tinha os seus extremos demarcados pela Ação Integralista e pelo Partido Comunista Brasileiro – dividido entre os adeptos de Stálin ou de Trotsky. A

⁷¹ JORNAL *A Luta de Classe*, 5/10/1932. Fundo Lívio Barreto Xavier. Arquivo do CEMAP – CEDEM/UNESP.

⁷² PRONTUÁRIO n.º 1.936, de Osório César. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.

⁷³ PRONTUÁRIO de Victor Pinheiro, n.º 441, v. 1, folha não numerada. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.

⁷⁴ DECLARAÇÕES AO DELEGADO DE POLÍCIA DE PEDERNEIRAS, em 29/11/1937. PRONTUÁRIO de Victor de Azevedo Pinheiro, n.º 441, v. 1, fl. 64. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.

incompetência militar do PCB, capitaneado por Luís Carlos Prestes, ao tentar tomar o poder pela força no movimento de 1935, permitiu que a polícia passasse a caçar subversivos em geral, levando milhares de pessoas a ser presas, torturadas e até mesmo eliminadas fisicamente. Pagu estava entre os prisioneiros, tendo permanecido trancafiada por cinco anos. Em 1940, ao ser posta em liberdade, rompeu definitivamente com o partido.⁷⁵ Ela também pertenceu à Oposição de Esquerda, defendendo, como os seus companheiros, o "internacionalismo proletário". O seu romance *Miramar* relata a vida das classes baixas na cidade de São Paulo, detendo-se no operariado feminino. Ao criticar a sociedade burguesa, Pagu feriu velhos círculos sociais frequentados pelos modernistas de 1922, e teve a sua existência marcada por prisões, viagens ao exterior e confrontos com os stalinistas.

Carrascos e vítimas se assemelham no decorrer da história, assim como se parecem as sociedades que os abrigaram. Os hábitos e comportamentos das pessoas comuns, não envolvidas diretamente com o processo de subversão/repressão vigente, encontram-se registrados no texto abaixo, que merece ser reproduzido:

A minha geração cresceu com pais que tinham voltado ou dos campos, ou da guerra. As únicas coisas que eles conseguiam nos contar eram sobre a violência. [...] A segunda possibilidade... Era daqueles que não tinham sido presos, mas que tinham medo de serem presos [...] Podiam prender, mas podiam mandar para trabalhar para o NKVD...⁷⁶ O que o Partido pede é uma ordem. [...] Agora, os carrascos... Eram comuns, não eram assustadores... Quem denunciou o meu pai foi o nosso vizinho... Na época de Yéltsin, me deram o arquivo do inquérito, e lá tinha mais de uma denúncia, uma delas escrita pela tia Ólia, sobrinha dele [...] ⁷⁷.

Em 26/4/1937, a Delegacia de Ordem Social registra que apenas Hílcar Leite, Fúlvio Abramo e Aristides da Silveira Lobo continuavam na prisão. Ariston Russoliello não havia sido encontrado e Manoel Medeiros morreu nas dependências policiais. Em fevereiro, fugiram da prisão Fuad de Melo, seguido por João Matheus e Víctor de Azevedo Pinheiro, enquanto que Josefina Gomes e Fernando Salvestro foram

⁷⁵ RISÉRIO, Antônio. Pagu: vida-obra, obravida, vida. CAMPOS, Augusto de (organização, seleção de textos, notas e roteiro biográfico). *Pagu: vida e obra*. 1.ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2014, pp. 38-39.

⁷⁶ O GPU, a Administração política do Estado (polícia política) da URSS, criada após a Revolução de 1917, foi substituída em 1934 pela NKVD e em 1941 pela KGB. Durante o período de 1934 a 1946, o GPU foi responsável por instaurar o terror stalinista, com execuções em massa, prisões, torturas e internamento de pessoas consideradas perigosas em campos de concentração, sujeitas a trabalho forçado e condições dramáticas de existência.

⁷⁷ ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *O fim do homem soviético*, trad. do russo Lucas Simone, 1.ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, pp. 52-53.

libertados ⁷⁸. No início de 1937, Macedo Soares, na qualidade de Ministro da Justiça, decretou a “macedada” – uma anistia temporária para os presos políticos à espera de julgamento –, porém, Fúlvio Abramo, que estava há onze meses detido no Presídio Maria Zélia, informado de que a sua condenação seria de dois anos, exilou-se para a Bolívia, em companhia de Fernando Salvestro, Inez e Marino Besouchet ⁷⁹.

Com o desmantelamento da LCI, os trotskistas criaram novos grupos, visando à revolução proletária. Em 3/3/1937, na cidade do Rio de Janeiro, remanescentes da liga uniram-se a alguns egressos do PCB, liderados por Febus Gikovate e Barreto Leite Filho, fundando o POL (Partido Operário Leninista). Nas palavras de seus fundadores, o POL atendia à necessidade de unir a vanguarda revolucionária em torno da tradição de luta dos operários do Brasil, representando o elo de união entre duas etapas distintas dessa luta ⁸⁰.

Aparentemente, o Partido Socialista Brasileiro foi o último reduto dos prototrotskistas, que continuaram a defender as suas ideias, opondo-se a Luís Carlos Prestes, no campo nacional, e às Internacionais, sobre as quais argumentavam que solapavam a solidariedade dos trabalhadores, freando os movimentos revolucionários nos diversos países. Tal fato era considerado como decorrência de uma centralização que se tornava cada vez mais fechada e mais imperialista na luta de classes, transformando as Internacionais, paradoxalmente, em estimuladoras de nacionalismos. Stálin, que declarara que a Terceira Internacional “somos nós”, apontava que os donos da revolução eram a Rússia, “o capitalismo de Estado, a burguesia totalitária, o fascismo russo mascarado, a ‘Tcheca’, isto é, a ‘Guepeu’, isto é, a ‘NKVD’”. Para os trotskistas, o “nós” stalinista implicava os coveiros da revolução socialista, os supertraidores do proletariado mundial. No momento em que a Internacional se transformou em “racismo eslavo”, ela se dissolvera no mais “pérfido e mais sórdido dos nacionalismos”, fazendo com que os stalinistas no Brasil procurassem se disfarçar, assumindo “as cores mais berrantes do patriotismo crioulo” ⁸¹.

⁷⁸ Informação do Delegado de Ordem Social ao Superintendente de Ordem Política e Social. São Paulo, 26/4/1937. PRONTUÁRIO n.º 37, v. 2, doc. n.º 114, fl. 143. DEOPS/SP.

⁷⁹ ABRAMO, Lélia. *Vida e arte. Memórias de Lélia Abramo*. São Paulo: Ed. Fund. Perseu Abramo/ Ed. Da UNICAMP, 1997.

⁸⁰ “PELO PARTIDO DA REVOLUÇÃO PROLETÁRIA. PARTIDO OPERÁRIO LENINISTA”. FLBX. CEDEM/UNESP.

⁸¹ LOBO, Aristides. “Contra as Internacionais”. *Vanguarda Socialista*, 24/1/1947, p. 2. ASMOB. CEDEM/UNESP.

O jornal *Vanguarda Socialista* conclui o raciocínio acima com a defesa intransigente da revolução permanente e internacional, semelhante em seus fluxos e refluxos ao movimento das ondas do mar: “O internacionalismo é o oceano sem fronteiras, que se impõe concretamente, sem estar sujeito a nenhuma lei de autoria dos homens”⁸². A posição em ligar o movimento proletário e o debate com textos fundamentais, presente em toda a história dos trotskistas, persistiu mesmo depois do desmantelamento da Liga, em 1935-1936, e da *débâcle* dos anos seguintes. De 1931 a 1934, por intermédio da Editora Unitas, os opositores publicaram obras clássicas do marxismo-leninismo, como o resumo de *O Capital*, por Carlos Cafiero; *O Estado e a Revolução*, de Lenin; a coletânea *O marxismo*, com textos de Marx, Engels, Lenin, Trotsky, Kautski e Rosa Luxemburgo; a segunda edição do *Manifesto Comunista*, de Marx e Engels; *A concepção materialista da história*, de Plekanov; *A revolução desfigurada*, *Revolução e contra-revolução*, *A Revolução Espanhola*, *A revolução proletária* e *O Renegado Kautski*, todas de Trotsky. Além dessas obras, há numerosas outras escritas ou traduzidas pelos membros da Liga, como *O encouraçado Potemkin*, de F. Stang, e *Os dez dias que abalaram o mundo*, de John Reed, traduzidas por Aristides Lobo. Em 1936, Lívio Xavier traduz, para a Editora Athena, a *Enciclopédia das ciências filosóficas*, de Hegel, e, em 1944, *Ensaio sobre o materialismo histórico*, de Antonio Labriola, enquanto Aristides Lobo traduz *Fontamara*, de Ignazio Silone. A Editora Flama, em 1946, publica a tradução de Lívio Xavier de *Reforma ou Revolução*, de Rosa Luxemburgo, e *A Revolução Russa*, da mesma autora, traduzido por Azis Simão e prefaciado por Mário Pedrosa. As publicações comprovam que o combate teórico dos trotskistas centralizou-se nos argumentos políticos do stalinismo, contrapondo a resposta exigida pelas questões conjunturais com discordâncias de fundo, e atuando o suficiente como uma alternativa política destinada a reconduzir o PCB à linha bolchevique.⁸³

Em 18/10/1946, o *Vanguarda* esclarece o pensamento revolucionário dos militantes da extinta LCI. Aristides Lobo é quem assina as “definições e diretrizes” que deveriam nortear a militância teórica e prática dos companheiros trotskistas, o grupo “ativo dos socialistas que, fiéis ao *internacionalismo revolucionário*, pretendem conduzir o *proletariado* à sua emancipação do jugo burguês, mediante a *luta de classe*

⁸² LOBO, Aristides. “Contra as Internacionais”. *Vanguarda Socialista*, 24/1/1947, p. 2. ASMOB. CEDEM/UNESP.

⁸³ MARQUES NETO, José Castilho. *Solidão Revolucionária: Mário Pedrosa e as origens do trotskismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993, pp. 29-30.

pela *democracia* e pelo *socialismo*”⁸⁴. Para tanto, seria preciso buscar a unidade ideológica e a formulação científica dos problemas, simplificando a linguagem. A reflexão teórica deveria refletir os problemas da sociedade, explicando as condições de vida na visão operária e socialista. Os militantes do grupo teriam liberdade plena de opinião e de ação e seriam respeitados os pontos de vista e os votos vencidos. Embora competisse à maioria dar a orientação geral ao grupo, os trotskistas poderiam agir individualmente, na luta permanente pelos interesses do proletariado universal, tendo em consideração que o socialismo era a única via para libertar a humanidade da miséria e da opressão. O Estado seria o meio a ser utilizado pela classe operária para assegurar a democracia e o caminho para o socialismo a toda a sociedade, sem classes e sem Estado⁸⁵.

Os 25 princípios integrantes das diretrizes remetem às razões históricas fundamentais da expulsão dos trotskistas das fileiras do partido: o repúdio ao princípio internacionalista da revolução proletária e o consequente desrespeito à liberdade política de pensamento, imprensa, locomoção, reunião e associação⁸⁶. O capitalismo e o socialismo apresentam-se no texto: o primeiro caracterizado pela produção da mais-valia e pela dominação multiforme da burguesia sobre o proletariado; o segundo, como o resultado final da luta de classes, através da história. A Revolução de 1917 é definida como uma tentativa heroica, que malogrou, pois “o *bolchevismo* tornou-se um movimento *antiproletário* e *contrarrevolucionário*, estando para a Rússia de Stálin como estiveram o *fascismo* para a Itália de Mussolini e o *nacional-socialismo* para a Alemanha de Hitler”⁸⁷.

Conclusões

Com a morte de Ióssif Stálin em cinco de março de 1953, Nikita Khrushchóv tornou-se secretário-geral do PCUS (Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética). Nessa posição, Khrushchóv pronunciou um discurso no XX Congresso do PCUS denunciando o culto à personalidade de Stálin e os excessos das políticas oficiais que ordenara. Esse discurso chocou muita gente, de fora e de dentro da

⁸⁴ JORNAL *Vanguarda Socialista*, 18/10/1946, p. 4. Fundo Lívio Barreto Xavier. Arquivo do CEMAP – CEDEM/UNESP.

⁸⁵ JORNAL *Vanguarda Socialista*, 18/10/1946, p. 4. Fundo Lívio Barreto Xavier. Arquivo do CEMAP – CEDEM/UNESP.

⁸⁶ JORNAL *Vanguarda Socialista*, 18/10/1946, p. 4. Fundo Lívio Barreto Xavier. Arquivo do CEMAP – CEDEM/UNESP.

⁸⁷ JORNAL *Vanguarda Socialista*, 18/10/1946, p. 4. Fundo Lívio Barreto Xavier. Arquivo do CEMAP – CEDEM/UNESP.

URSS, tendo marcado o início da desestalinização e do degelo iniciado por Khruschóv, com uma relativa liberalização. Esse fato histórico comprovou, após trinta anos, o acerto de boa parte das críticas levantadas pelos dissidentes brasileiros a respeito do fato de que a ditadura do Comitê Central teria substituído a ditadura do proletariado, durante o governo exercido de modo discricionário e concentrado por Stálin – uma personagem cultuada sem reservas pelos comunistas, apesar dos desvios flagrantes da teoria marxista-leninista e dos equívocos que imprimiu aos rumos da revolução. Críticas que significaram o expurgo dos trotskistas dos quadros do PCB e o seu agrupamento na Oposição de Esquerda Internacional, com a organização de uma Liga Comunista no Brasil. Nessas circunstâncias, os prototrotskistas viveram em uma dupla clandestinidade, escondendo-se da polícia ou se confrontando com os antigos camaradas. Mesmo nas prisões, tiveram que suportar os ônus oriundos de sua condição de “renegados” do Partido, como traidores da revolução proletária.

As condições de vida dos subversivos da Oposição de Esquerda refletem o sistema ditatorial de Getúlio Vargas e a situação de luta de operários inconformados com a ordem burguesa. Os documentos existentes em arquivos próprios dos trotskistas e nos policiais ajudam-nos a compreender a identidade individual e de classe dos dissidentes e da Liga Comunista Internacionalista, no período em que se encontravam em marcha para a criação de uma IV Internacional. Ajudam a compreender também as determinações nacionais e internacionais em que aliados e adversários de Stálin potencializaram as diferenças no interior dos partidos comunistas, em uma fase da história brasileira em que a esquerda se organizava, em meio a tensões advindas de acontecimentos cruciais para o futuro dos trabalhadores.

O diálogo com os movimentos iniciais do Partido Comunista do Brasil teve, como interlocutora privilegiada, a Oposição de Esquerda, orientada pelo trotskismo, da qual proveio a Liga Comunista Internacionalista, um pequeno, porém aguerrido grupo revolucionário, ainda insuficientemente pesquisado. Os destinos de seus aderentes, como Aristides Lobo, Lívio Xavier e Mário Pedrosa, exemplificam o combate travado pelos trotskistas para reconduzir a Revolução de Outubro às suas origens teóricas e à luta proletária mundial.

A corrente política à qual pertenceram nasceu de uma disputa internacional que submergiu todo o vasto campo do comunismo, mas que adquiriu cores e matizes nacionais durante o governo de Getúlio Vargas. Nessa época, o Brasil foi marcado

pela industrialização e pela subserviência dos trabalhadores, fenômenos que se operavam sob o impacto e a liderança do Estado que surgiu da Revolução de 1930 e que forneceu um cenário favorável para o desenvolvimento das ideias trotskistas e seus desdobramentos. Os embates davam-se em torno do caráter da revolução, seus rumos e sua amplitude, e foram travados em nome de interpretações doutrinárias diversas, que seriam sufocadas pelo predomínio do stalinismo. A investigação sobre esse tema, na óptica dos trotskistas, não pode ser limitada à reconstrução objetiva do fenômeno, mas, pelo contrário, deve mergulhar nas sutilezas subjetivas, analisando rastros e sinais deixados por figuras singulares, que viveram os seus dramas como militantes ativos da causa proletária, mesmo nas prisões e exílios constantes e sistemáticos que marcaram as suas existências.

Referências

Fontes Primárias

1. BOLETIM “UNAMO-NOS PARA LIBERTAR AS VÍTIMAS DA REAÇÃO CAPITALISTA! Lutemos contra a Deportação dos Operários Estrangeiros!”. **PRONTUÁRIO da LCI**, n.º 4.143, v. 3, fl. 53. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.
2. DECLARAÇÕES AO DELEGADO DE POLÍCIA DE PEDERNEIRAS, em 29/11/1937. **PRONTUÁRIO de Victor de Azevedo Pinheiro**, n.º 441, v. 1, fl. 64. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.
3. INFORME reservado de Mário de Souza, São Paulo: 9/3/1933. **PRONTUÁRIO de Salisbury Galeão Coutinho (Dr.)**, n.º 163. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.
4. JORNAL **A Luta de Classe**, 5/10/1932. Centro Mário Pedrosa, Fundo Lívio Barreto Xavier. Arquivo do Centro da Memória Operária – CEDEM/UNESP.
5. JORNAL **Diário da Noite**, A Pedidos, 11/9/1931. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.
6. JORNAL **Diário Nacional**, 7/7/1931. Recorte presente no PRONTUÁRIO de Olga Pandarsky ou Maria Rodrigues, n.º 888. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.
7. JORNAL **Folha de S. Paulo**, 4/1/1998, Suplemento Mais!

8. JORNAL **Homem Livre**, O Presídio Político da Ilha dos Porcos, 3/1/34, p. 3. Centro Mário Pedrosa, Fundo Lívio Barreto Xavier. Arquivo do Centro da Memória Operária – CEDEM/UNESP.
9. JORNAL **Vanguarda Socialista**, 18/10/1946, p. 4, Centro Mário Pedrosa, Fundo Lívio Barreto Xavier. **Arquivo do Centro da Memória Operária** – CEDEM/UNESP.
10. LACERDA, Sebastião Eurico Borges de. Os responsáveis pelo levante de 1935: correções ao livro de John W. Foster Dulles. **Jornal do Brasil**: Livro. Rio de Janeiro, 11 de fevereiro de 1978.
11. MANUSCRITO DE AUTORIA DE HYL CAR LEITE, apreendido pela polícia. **PRONTUÁRIO da LCI**, n.º 4.143, v. 1, fls. 149-148. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.
12. MANZANELLI, *Jesus. La vie de Prestes est dans le plus grand danger; La vie de Ghioldi, Prestes, Ewert et leurs femmes est en danger. La Correspondance Internationale*, n.ºs 24 e 49, Buenos Aires, 1936. In: CARONE, Edgar. **Corpo e Alma do Brasil: O P.C.B. (1922-1943)**. São Paulo: Editora Difel, 1982, pp. 200-201.
13. O DOSSIÊ ROMEO. Arquivos secretos. Suplemento Mais! **Folha de São Paulo**, 4/1/1998, p. 3.
14. "O 'LIBERALISMO' do Governo". **FLBX**. CEDEM/UNESP.
15. OFÍCIO DA POLÍCIA DE SANTOS, de 7/7/32. **PRONTUÁRIO de Antônio Brites dos Santos**, n.º 58. Arquivo do Estado de São Paulo. Fundo DEOPS/SP.
16. **PORTARIA do Delegado de Polícia de Quartina**. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.
17. **PRONTUÁRIO n.º 37, de Aristides da Silveira Lobo**, v. 1 e 2. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.
18. **PRONTUÁRIO n.º 47, de Augusto Pizzuti**. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.
19. **PRONTUÁRIO n.º 52 de Christovam Alba**. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.
20. **PRONTUÁRIO n.º 52, de Corifeu de Azevedo Marques**. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.
21. **PRONTUÁRIO n.º 58, de Antônio Brites dos Santos**. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.
22. **PRONTUÁRIO n.º 77, de Antônio Manoel Ribeiro**. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.

23. **PRONTUÁRIO n.º 79, de Antônio Mendes de Almeida.** Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.
24. **PRONTUÁRIO n.º 163, de Salisbury Galeão Coutinho (Dr.).** Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.
25. **PRONTUÁRIO n.º 177, doc. n.º 27.** Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.
26. **PRONTUÁRIO n.º 205, de João Gerulaitis,** 2 volumes. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.
27. **PRONTUÁRIO n.º 217, de Jayme Adour da Câmara,** fl. 40. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.
28. **PRONTUÁRIO n.º 385, de Plínio Gomes de Melo.** Arquivo do Estado de São Paulo. Fundo DEOPS/SP.
29. **PRONTUÁRIO n.º 390 de Ramon Guerrero Simon.** Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.
30. **PRONTUÁRIO n.º 441, de Victor Pinheiro,** v. 1, folha não numerada. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.
31. **PRONTUÁRIO n.º 888, de Olga Pandarsky ou Maria Rodrigues,** v. 1. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.
32. **PRONTUÁRIO n.º 895, de Mark Pandarsky.** Arquivo do Estado de São Paulo. Fundo DEOPS/SP.
33. **PRONTUÁRIO n.º 1.030, de João Menezes.** Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.
34. **PRONTUÁRIO n.º 1.046, de Domitiliano Rosa.** Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.
35. **PRONTUÁRIO n.º 1.255, de Luciano Raguna.** Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.
36. **PRONTUÁRIO n.º 1.263, de Honório Pinto.** Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.
37. **PRONTUÁRIO n.º 1.691, de Caio Prado Jr. e Antonietta Prado.** Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.
38. **PRONTUÁRIO n.º 1.936, de Osório César.** Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.
39. **PRONTUÁRIO n.º 2.030 de Mário Pedrosa.** Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.

40. **PRONTUÁRIO n.º 2.032, de Elias Garcia Sanchez.** Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.
41. **PRONTUÁRIO n.º 2.096, de Mary Houston Pedrosa.** Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.
42. **PRONTUÁRIO n.º 4.089, de José Auto Cruz de Oliveira.** Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.
43. **PRONTUÁRIO n.º 4.143, da LCI, v. 1.** Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.
44. **RELATÓRIO RESERVADO de 11/2/32.** PRONTUÁRIO de Ramon Guerrero Simon, n.º 390. Arquivo do Estado de São Paulo. DEOPS/SP.
45. TIMOTHY GARTON ASH. O dossiê Romeo. Arquivos secretos. Suplemento Mais! **Folha de São Paulo**, 4/1/1998, p. 3.
46. TROTSKI, Léon. **La Révolution Trahie. Les Crimes de Staline.** 6. éd. Paris: Bernard Grasset, 1937.

Fontes Secundárias

47. ALEXANDER, Robert J. **International Trotskyism. 1929-1985. A Documented analysis of the movement.** Durham and London: Duke University Press, 1991.
48. CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda. **Tempos de viver: dissidentes comunistas em São Paulo (1931-1936).** Tese de livre-docência. FHDSS/UNESP, 1998. Mimeo.
49. COURTOIS, Stéphane [*et al.*]. **O livro negro do comunismo: crimes, terror e repressão.** Com a colaboração de Rémi Kauffer [*et ali.*], tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
50. FAUSTO, Bóris. **O crime do restaurante chinês. Carnaval, futebol e justiça na São Paulo dos anos 30.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
51. FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976).** Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999 (Coleção Tópicos).
52. GINSZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso fictício.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
53. GOMES, Ângela de Castro (coordenadora). **Velhos militantes. Depoimentos de Elvira Boni, João Lopes, Eduardo Xavier, Hílcar Leite.** "Entrevista concedida no Rio de Janeiro, janeiro/fevereiro de 1984". Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1984.
54. HOBBSAWM, E. J. **Revolucionários.** 2. ed. Trad. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

55. HOBBSAWM, E. J. **Como mudar o mundo: Marx e o marxismo**. Tradução de Donaldson M. Garschagen. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
56. KAREPOVS, Dainis. **Nos subterrâneos da luta (Um estudo sobre a cisão no PCB em 1937-1938)**. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de História da FFLCH/USP. São Paulo, 1996. Mimeo.
57. LESSA, Origenes. **Ilha grande**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933.
58. MARQUES NETO, José Castilho. **Solidão revolucionária. Mário Pedrosa e as origens do trotskismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
59. REMNICK, David. **O túmulo de Lênin: os últimos dias do império soviético**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
60. RISÉRIO, Antônio. Pagu: vida-obra, obravida, vida. CAMPOS, Augusto de (organização, seleção de textos, notas e roteiro biográfico). **Pagu: vida e obra**. 1.^a ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
61. ROCHE, Gérard. Introdução: Breton, Trotsky e F.I.A.R.I. BRETON, André. **Por uma Arte Revolucionária Independente**. São Paulo: Paz e Terra: CEMAP, 1985.
62. SCHWARTZMAN, Simon (org.). **Estado Novo, um Auto-retrato**. Brasília: Universidade de Brasília, 1983.
63. SOUSA, Rafael Lopes; CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda; GODOY, Marília Gomes Ghizzi. Memória e História da esquerda: a organização da massa trabalhadora em São Paulo, Brasil. **CLIO** (Recife), v. 35, pp. 89-113, 2017.
64. SVETLANA, Aleksievith. **O fim do homem soviético**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
65. VELHO, Otávio. **Antinomias do real**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2018.
66. VIEIRA, Hermes. **Formação Histórica da Polícia de São Paulo**. São Paulo: Serviço Gráfico da Secretaria da Segurança Pública, 1965.